

Caminho do Sol – um depoimento pessoal – Sidnei Castresano

Era uma tarde de terça-feira, novembro de 2003, quando Solange e eu deixamos nosso apartamento em São Paulo, em direção a Santana de Parnaíba.

Percorríamos aquele trajeto todas as semanas, para visitar o Núcleo Helena Antunes, escola de uma amiga nossa, que faz um belo trabalho com crianças especiais.

Naquele dia, porém, nosso propósito era outro, pois iríamos nos juntar ao grupo que começaria, na manhã seguinte, a percorrer o “Caminho do Sol”, em companhia de oito espanhóis do “Caminho de Santiago”, vindos especialmente para trilhar esse nosso percurso.

Atendendo a um pedido do José Palma, idealizador do Caminho do Sol, o brasileiro Acácio da Paz, ele mesmo um hospiteiro do Caminho de Santiago havia quatro anos, reuniu o grupo e o trouxe para o Brasil.

Estariam conosco o lendário Jesús Jato, de Villafranca del Bierzo, o casal Lucía e Nicolás Rueda, de Belorado, Eduardo, de Boadilla del Camino, Cassandre, de Finisterre, Marivi, de Madrid, além do casal Victória e Marino, todos vinculados ao tradicional caminho espanhol.

Eu havia feito o Caminho de Santiago em duas etapas, a primeira delas sozinho no ano 2000, de Saint Jean Pied-de-Port até Burgos, e a segunda, no ano seguinte, de Burgos até Santiago de Compostela, acompanhado de Solange.

Tenho uma ligação muito forte com a Espanha, terra de meus avôs paternos, pois cresci convivendo com espanhóis, parentes e amigos da família, e entendia que deveria retribuir, aqui no Brasil, o carinho recebido nas várias vezes em que lá estive, em especial nessas duas ocasiões, para percorrer o Caminho de Santiago.

Logo no primeiro dia de caminhada, depois de nos instalarmos no Hotel Casarão, em Pirapora do Bom Jesus, saímos no final da tarde para dar uma volta pela cidade e encontramos o espanhol Jesús Jato nas margens do Rio Tietê, sozinho, parecendo fazer suas orações.

Ele demorou um bom tempo para notar que estava sendo observado e, depois, veio em nossa direção. Ficamos conversando até mais tarde, sentados num bar, falando da vida, da Espanha, de tudo um pouco.

Nosso grupo era composto de umas quarenta pessoas e, num instante, parecia que éramos amigos de longa data, dada a camaradagem entre todos e as brincadeiras que fazíamos.

Essa caminhada nos proporcionou algumas amizades especiais, duradouras, dessas que vêm para ficar, afinidades de alma, como o médico / músico /

peregrino / escritor Auro Lúcio, meu “irmão”, e a gaúcha Márcia Guahyba, “irmã” da Solange.

Durante o dia longas conversas, ao passo da caminhada, e à noite, sempre uma convivência gostosa, apesar do cansaço, como a do violão no camping de Cabreuva, ou a “roda de cachaça” na Cana Verde, de Itu, até que viesse o sábado, quando estaríamos chegando na Fazenda Vesúvio, em Salto.

Outros amigos, impossibilitados de fazer todo o Caminho do Sol, viriam encontrar-se conosco, em Itu, apenas para caminhar sábado e domingo, até a Pousada do Serra, em Elias Fausto.

O Palma havia pedido emprestada minha pick-up para fazer o “carro de apoio”, nesse caso uma necessidade, pois a espanhola Lucía, de Belorado, encontrava-se enferma, padecendo de uma doença grave, e só poderia caminhar conosco muito pouco, mas o fazia todos os dias, embarcando em seguida na “viatura”.

Como estava à mão não custava nada embarcar também nossas mochilas, o violão do Auro Lúcio, os pequenos tonéis de cachaça, os livros, enfim, essas coisas que incomodam um pouco carregar nas costas, ainda que nos esperasse a surpresa de um “oásis peregrino” no meio da jornada, proporcionado pela iniciativa dos amigos Jorge, de Sorocaba, Driti, de São Paulo, e outros.

Falando sério, o Caminho do Sol feito dessa maneira nos fazia esquecer os problemas, as coisas da vida, exceto quando, como fizemos na Fazenda Vesúvio, nos reuníamos para relatar nossas experiências, geralmente em depoimentos emocionados.

No domingo, em Elias Fausto, chegaram as goianas Margareth, Livia e Ivana, ostentando suas camisetas do grupo de caminhadas “Pau de Macaco”, para se integrarem ao nosso grupo e, à noite, os amigos “peregrinos de fim de semana” voltaram para São Paulo, pois o dia seguinte era de trabalho.

Na segunda feira, logo cedo, saímos da Pousada do Serra em direção à Capivari, onde nosso destino era a Fazenda Milhã. Nesse trajeto eu sabia da existência de uma casa que pertencera a Assis Chateaubriant, magnata das comunicações, mecenas das artes e pioneiro da televisão brasileira, e estava curioso para conhecê-la, embora não soubesse direito de sua localização.

Naquele dia eu acordara pensando em minhas duas filhas, com saudade delas, e do meu único neto, Felipe, que fizera 13 anos a poucos dias. Adriana, a mãe dele, havia se casado de novo, recentemente, e meu genro, Renan, era um grande amigo nosso, colega de trabalho na Prefeitura de São Paulo.

Tudo ia bem agora, passado o grande susto que tivemos com Adriana um ano antes, no final de 2002, quando ela sofreu uma trombose intracraniana com apenas 32 anos de idade. Apesar do sério risco, graças a Deus não restara nenhuma seqüela, apenas os cuidados médicos necessários nesses casos.

Sua vida nova, entretanto, me preocupava, pois sabia que eles desejavam ter um filho, e eu um outro neto, claro, muito embora todos soubessem dos riscos de uma gestação nessas condições.

Seguia pensando nisso tudo quando vi, ao longe, um grupo de peregrinos que estava à nossa frente, descansando no pátio de uma casa antiga, à beira da estrada de terra. Era a casa que havia pertencido a Assis Chateaubriant.

Ao me aproximar vi que existia no local uma grande cruz de madeira, ao lado de uma árvore antiga, e então a fotografei, absorto em meus pensamentos. Nesse instante veio até mim a espanhola enferma, Lucía, com uma pequena pedra em sua mão e disse-me:

¡ Coge, haz tu ruego ! (*) Pegue, faça o teu pedido !

Era clara a menção que pretendia fazer, aos pedidos que fazem os peregrinos do Caminho de Santiago junto à Cruz de Ferro, entre Rabanal del Camino e Manjarin, erguida pelo ermitão Gaucelmo no Monte Irago, no distante ano de 1103, novecentos anos antes!

Os peregrinos ali depositam as pedras que trazem de longe, muitas vezes de sua terra natal, pretendendo, com o simbolismo desse gesto, deixar naquela montanha de pedras aquilo que não mais pretendem “carregar” nesta vida.

Eu e Solange havíamos feito o mesmo, em agosto de 2001, num dia especial para nós dois, juntos, ali no ponto mais alto de todo o Caminho de Santiago.

Pois bem, Lucía me havia dito apenas isso e voltado para onde estavam os demais, inclusive Solange. Naquele instante eu me lembrei de tudo em que estava pensando enquanto caminhava e, tomando muito a sério o iria fazer, fui até aquela cruz de madeira, onde ajoelhado pedi ao Criador que olhasse para minha filha e lhe concedesse a graça de ter um outro filho, como era o seu desejo.

Quase ninguém percebeu o que acontecia, apenas Solange, que se aproximou de mim, e Juliana, uma amiga de Campinas, que estava próxima do muro de pedras que limita o pátio daquela casa e, mesmo de longe, fotografou o abraço emocionado que nós dois trocamos enquanto eu tentava explicar para ela o que se passava comigo, naquela hora.

Ficamos por ali mais um pouco, descansando, com o propósito de deixar que todos fossem embora antes, até que saímos por último, caminhando calados, um ao lado do outro.

Não sei bem quanto tempo andamos assim, nem mesmo calcular a distância percorrida, até que, no meio de um grande milharal, ouvi nitidamente a voz de uma criança, vinda de trás, me chamando de avô. Desabei num choro convulsivo, misto de alegria e emoção contida, sem que conseguisse parar e explicar para a Solange o que acabara de acontecer comigo.

Ela sabia que eu nunca havia sentido nada semelhante e que jamais tivera qualquer dom de ver ou ouvir coisas. Nós sempre brincamos que apenas ela, com seus dons de bruxa, deveria cuidar dos assuntos do além.

Demorou um bocado para que eu conseguisse parar de chorar e de gritar de alegria, sair daquele lugar e prosseguir a caminhada até a Fazenda Milhã. Só me lembro que o Caminho do Sol, naquele local, dá voltas e mais voltas em

A travessia do Rio Piracicaba, os quilômetros finais até Águas de São Pedro, a chegada na cidade, os toques do sino do Mini-Horto, o Coral Vida em Plenitude, a cerimônia de encerramento da caminhada, os depoimentos de cada um de nós, a missa do padre Ronan, tudo, enfim, servia de moldura para o anunciado novo neto que viria.

Quando voltei a São Paulo e reencontrei minha filha, contei para ela o que me sucedera, mas o que ouvi em seguida foi desconcertante: ela me assegurou que não poderia estar grávida, pelo menos até o próximo mês!

Fiquei sem entender o que o velho bruxo, Jesús Jato, me dissera, ele que me parecera tão convincente.

Sete meses mais tarde Adriana engravidou, daí por diante teve uma gestação muito bem cuidada, com alguns sobressaltos, é bem verdade, hoje o pimpolho já conta com seis meses, graças a Deus, e todos estamos muito bem.

Ainda preciso cumprir a promessa que fiz à Christina Pacheco, lá na Fazenda Milhã, de levar minha filha até o local da “anunciação” .

Qualquer dia destes aparecemos de surpresa ...

SIDNEI CASTRESANO

54 anos

administrador de empresas, funcionário público e professor universitário

(11) 2671-7946 e (11) 9941-3823

sidneicastresano@uol.com.br

18.09.2005